

Carta Arqueológica de Vila Velha de Ródão - uma leitura actualizada dos dados da Pré-História Recente

Francisco Henriques, João Caninas, Mário Chambino
Associação de Estudos do Alto Tejo (AEAT)

Resumo

O concelho de Vila Velha de Ródão dispõe de cinco documentos com as características de inventário arqueológico. Nesta comunicação faz-se uma apresentação preliminar dos resultados do mais recente inventário, cujo Relatório Final está em preparação.

O primeiro data de 1910, é da responsabilidade de Francisco Tavares de Proença Júnior e integra um inventário de âmbito distrital, a *Archeologia do Distrito de Castello Branco*. O segundo, de 1980, é da responsabilidade de Francisco Henriques e João Caninas (Contribuição para a Carta Arqueológica dos Concelhos de Vila Velha de Ródão e Nisa). O terceiro contributo, de 1986, é uma continuação do documento anterior, abrange a mesma área geográfica e é da responsabilidade dos mesmos autores. A quarta contribuição, de 1993, inédita, também da responsabilidade de Francisco Henriques e João Caninas, funde os dois documentos anteriores num único, e foi elaborado para a Câmara Municipal de Vila Velha de Ródão, aquando da elaboração do primeiro Plano Director Municipal (PDM).

O trabalho de campo para a quinta contribuição, elaborada novamente a pedido da Câmara Municipal de Vila Velha de Ródão no âmbito da revisão do PDM, ocorreu entre 2004 e 2006. Contém 420 registos de sítios e monumentos com interesse arqueológico (acréscimo de 78% relativamente à contribuição de 1993). Identifica 120 arqueossítios atribuíveis à Pré-história Recente, cerca de 29% da totalidade dos registos deste inventário actualizado, distribuídos tipologicamente do seguinte modo:

- 24 manchas de ocupação (20%);
- 23 sítios com arte rupestre (19%);
- 45 sepulturas megalíticas, antas, mamoas e *tumuli* (37%);
- 26 achados isolados (21%) com destaque para os instrumentos de pedra polida;
- 3 outros ou indeterminados (3%).

As manchas de ocupação estão implantadas a curta distância do rio Tejo sobre plataformas detríticas e terraços com ocupação dispersa por vários hectares e frequentemente associadas aos maiores núcleos de arte rupestre do Tejo. Este modelo de ocupação tem equivalência na outra margem do Rio Tejo (concelho de Nisa) e a vários quilómetros a montante (concelho de Idanha-a-Nova).

Dos sítios com arte rupestre destaca-se o complexo de Arte Rupestre do Tejo, sobejamente conhecido. Os outros sítios com gravuras rupestres, fora daquele contexto, correspondem quase exclusivamente a rochas gravadas com covinhas.

As sepulturas (megalítica e não megalíticas) distribuem-se por todo o concelho, ocorrendo em terraços e plataformas detríticas, em relevos xisto-grauvácicos e até numa planície aluvial. Estão ausentes sobre cristas quartzíticas embora ocorram nos depósitos de vertente daquele tipo de relevos.

A forte correlação espacial entre sepulturas, rochas gravadas e sítios de habitat (manchas de ocupação) emerge como um dado relevante para investigação.

Summary

Vila Velha de Ródão has five documents with the characteristics of archaeological inventory.

In this communication we do a preliminary presentation of the results of the most recent inventory with the final report is in preparation.

The first one dates from 1910, and his responsible is Francisco Tavares de Proença Júnior and it integrates a most vast inventory named "Archeologia do Distrito de Castelo Branco". The second dates from 1980 and their responsables are Francisco Henriques e João Caninas (Contribuição para a Carta Arqueológica dos Concelhos de V.V. de Ródão e Nisa). The third dates from 1986, and it's a following resumption of the previous inventory, it includes the same geographic area with responsibility belongs to the same authors. The fourth contribution, from 1993, unpublished, also from Francisco Henriques e João Caninas, melts the two previous documents in one and it was made for the Municipality of Vila Velha de Ródão when it was elaborated the first P.D.M. (Municipal Director Plan).

The field labour to the fifth contribution, also elaborated on the request of the Municipality of Vila Velha de Ródão in scope of the revision of the P.D.M. occurred between 2004 and 2006. It contains 420 registers of sites and monuments with archaeological interest. It identifies 120 archaeological sites to the recent Pre-History, about 29% of all the registers numbers from this updating inventory typologically classified in the following way:

- 24 occupation spots (20%);
- 23 sites with Rock Art (19%);
- 45 megalithic graves, dolmens and tumuli (37%);
- 26 isolated remains (21%), with evidence for the polished stone tools;
- 3 others or uncertain (3%).

The occupation spots are implanted from short distance of the Tagus river, above detrital platforms and terraces with spread occupation for several hectares and mostly associated to the larger nucleus of Rupestral Art of the Tagus river. This model of occupation is equal to the other border of the Tagus river (that belongs to Nisa) and to several Kms upstream (that belongs to Idanha-a-Nova).

From the sites with Rock Art we put in relief the Complex of Rock Art of the Tagus river, very well known. The other sites with rupestral engravings out from that context, suit almost exclusively to engraved rocks with little holes.

The graves (megalithic and none megalithic) are divided by all this area of Vila Velha de Ródão and occurred in terraces and detrital platforms, in reliefs schist-grauwackes and even in an alluvial plain. They are absent above quartzitic ridges although occurred on the sediments of declivity of those kind of reliefs.

The strong special co-relation between graves, engraved rocks and habitat sites appears as a relevant clue to this investigation.

Introdução

No âmbito da revisão do Plano Director Municipal de Vila Velha de Ródão a Câmara Municipal de Vila Velha de Ródão (CMVVR) e a Associação de Estudos do Alto Tejo (AEAT) assinaram, em 2005, um protocolo tendo como objectivo a actualização do inventário de sítios e monumentos de interesse arqueológico do território municipal.

A informação contida nos inventários de 1980 (Henriques e Caninas), 1986 (Henriques e Caninas) e 1993 (Henriques e Caninas), passados que são mais de vinte anos desde a sua primeira divulgação, está manifestamente desactualizada em virtude de novas descobertas, fruto de investigações recentes e do tipo de registo realizado na época. Impunha-se, por este facto, a sua actualização com reconhecimento, em campo, da totalidade dos sítios referenciados.

Em resultado da revisão executada no âmbito do protocolo citado, verificou-se um acréscimo de 87,5% de arqueossítios. Da globalidade dos sítios e monumentos agora conhecidos destacam-se os datados da Pré-História Recente, que representam 29 % do total do novo inventário.

Este texto traduz a comunicação apresentada na *I Reunión de Estudios sobre la Prehistoria Reciente en el Tajo Internacional*, realizada nos dias 1, 2 e 3 de Março de 2007 em Santiago de Alcántara (Espanha), a convite da Professora Doutora Primitiva Bueno. É uma primeira e rápida leitura dos dados referentes à Pré-História Recente, (do Neolítico ao Bronze Final) no concelho de Vila Velha de Ródão.

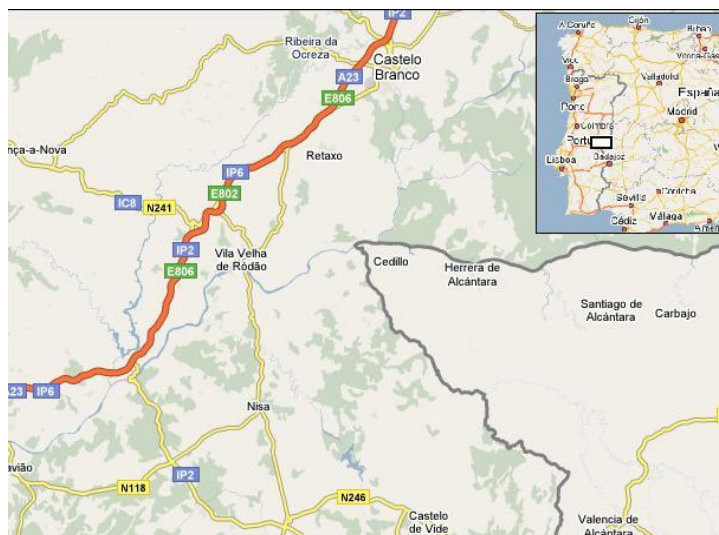


Figura 1. Localização geral do concelho de Vila Velha de Ródão

1. A Pré-História Recente na cartografia e investigação arqueológica em Vila Velha de Ródão

1.1. O território

O território de Vila Velha de Ródão fica localizado no centro interior de Portugal, na margem direita do rio Tejo e junto à fronteira com Espanha. Tem como fronteiras naturais os rios Ponsul a Este, Ocreza a Norte e Oeste e Tejo a Sul.

Este território de 328 Km² reparte-se por quatro unidades geomorfológicas (Carvalho *et al.*, 2006): a plataforma xisto-grauváquica (Grupo das Beiras do Pré-Câmbrico e Câmbrico; a crista quartzítica (Ordovícico), constituída pela serra das Talhadas; as plataformas detríticas (Formações de Falagueira, do Placenciano, e de Cabeço do Infante, do Paleogénico, e depósitos de terraço); e rio Tejo (Figura 2). Estas unidades condicionaram a presença humana neste território ao longo da sua História.

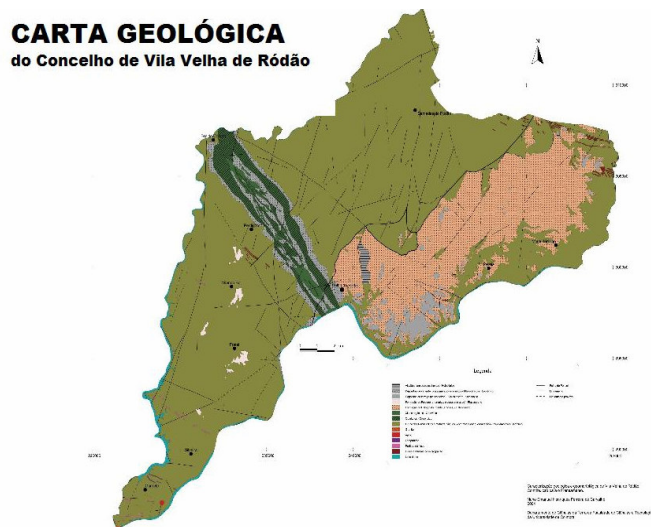


Figura 2 – Carta Geológica do Concelho de Vila Velha de Ródão (seg. Carvalho *et al.*, 2006).

Devido à sua localização e morfologia, a área de Ródão tem sido palco de dois movimentos estruturantes para a região. O primeiro, de orientação Norte – Sul, pode ser ilustrado pela transumância. O segundo teve como eixo o rio Tejo, que proporcionou a ligação entre o interior peninsular e o oceano e poderá ser ilustrado com a navegação fluvial que atingiu Toledo na Época Moderna.

1.2. A investigação arqueológica

O primeiro documento conhecido, com propósito científico, acerca de monumentos e sítios com importância arqueológica do concelho de Vila Velha de Ródão remonta a 1868 e é da responsabilidade de Pereira da Costa. Este autor refere informação relativa à existência de uma anta próximo de Vila Velha de Ródão, a nascente da ribeira do Açafal e de monumentos semelhantes em Fratel e Monte Fidalgo.

Nos primeiros anos do século XX surge Francisco Tavares de Proença Júnior (1883 – 1916). Foi o primeiro arqueólogo a desenvolver actividade no concelho de Vila Velha de Ródão. Era natural de Castelo Branco e filho de uma família aristocrática. Foi estudante do curso de direito da Universidade de Coimbra, durante os primeiros anos do século XX. O seu interesse superior foi a arqueologia.

A anta da Urgueira parece ter sido o primeiro monumento que identificou no concelho (10.11.1903) tendo sido escavado uns meses mais tarde (7 e 8 de Agosto e 10 de Outubro de 1904). Posteriormente, foram escavados outros monumentos, como algumas antas da necrópole megalítica de Sarnadas e o túmulo I do Lucriz (descoberto em 27.12.1904 e escavado em 30.10.1905).

Acerca daquela necrópole, em Apontamentos de 1904, apresenta o esboço de planta e respectiva localização de seis antas. Estes registos não têm data mas encontram-se entre páginas datadas de 03.09.1904 e 29.09.1904. Na *Archeologia do Districto de Castello Branco* (Proença Júnior, 1910: 3) escreve: “Atalaia. (Sarnadas). Há a pequena distancia d’esta localidade 14 ou talvez 16 antas quasi todas destruídas, algumas já exploradas por mim...”.

Uma das suas obras de referência é dedicada a um monumento deste concelho. É um trabalho monográfico publicado em 1909, relativo à Anta da Urgueira (Proença Júnior, 1909). Foi também a primeira publicação relativa à escavação de uma anta no distrito de Castelo Branco.

Numa segunda, a *Archeologia do Districto de Castello Branco* (Proença Júnior, 1910), sintetiza a actividade arqueológica desenvolvida no distrito durante uma década.

Relativamente ao concelho de Vila Velha de Ródão este documento lista 26 monumentos megalíticos (antas e mamoadas), com destaque para a necrópole megalítica de Sarnadas, com 14 monumentos, 92 instrumentos de pedra polida e dois rebotalhos em sílex recolhidos.

Após a morte, prematura, de Francisco Tavares de Proença Júnior o concelho de Vila Velha de Ródão ficou esquecido, ao nível da investigação arqueológica, por um período superior a 50 anos.

Nas décadas 60 e 70 do século passado Vera Leisner, do Instituto Arqueológico Alemão de Lisboa, reviu a bibliografia dos monumentos megalíticos do concelho. Deste trabalho surgiu uma obra póstuma desta investigadora (Leisner, 1998), sob

a coordenação de Philine Kalb, do mesmo Instituto, onde registam 29 monumentos megalíticos no concelho de Vila Velha de Ródão, tantos quantos os indicados por Tavares Proença, ainda que a sua distribuição pareça não coincidir.

Em 1971 chegou a Ródão um grupo de jovens investigadores, do Grupo para o Estudos do Paleolítico Português (GEPP), com o objectivo de pesquisar os depósitos quaternários do concelho com vista à identificação e estudo da ocupação humana durante o período Paleolítico. Com actividade desde 1970, pretendia fazer “a revisão de jazidas anteriormente estudadas assim como o conhecimento de novas estações... orientando os estudos para a pesquisa dos terraços fluviais do interior”.

Numa das primeiras estadas em Vila Velha de Ródão o GEPP deslocou-se a Fratel (estação de caminhos-de-ferro) para um encontro com o Doutor Paulo Caratão Soromenho com vista à confirmação de uma informação recolhida em 1946 e que dava conta da existência de pedras escritas no Cachão do Boi, na margem direita do rio Tejo. A informação foi confirmada, o elevado interesse arqueológico do achado, como arte rupestre, foi reconhecido de imediato e a necessidade de empreender o seu estudo urgente provocou um abrandamento no ritmo da pesquisa nos terraços aluvionares do rio Tejo.

O grupo descobridor Esse era constituído no dia 31 de Outubro de 1971 (Domingo) por Francisco Sande Lemos, Maria de los Angeles Querol, Susana Rodrigues Lopes, Jorge Pinho Monteiro, Maria Helena Afonso, Manuel Esteves (o guia), Vitor Coelho Martins e Paulo Caratão Soromenho. Este grupo assumiu-se, posteriormente, com a *geração do Tejo* (Raposo e Silva, 1996, p. 293-296).

Os trabalhos de planeamento para o indispensável levantamento da arte rupestre do Tejo iniciaram-se imediatamente e com carácter urgente, porque a jusante estava em fase adiantada de construção uma barragem hidroelétrica (Fratel).

As campanhas de prospecção nas margens do rio Tejo iniciaram-se na Primavera do ano seguinte (Maio, 1972), primeiro para jusante, depois para montante e mais tarde nos principais afluentes do rio Tejo.

Em termos operacionais o grupo de trabalho foi dividido em quatro equipas (prospecção, topografia, fotografia e moldagem). A sua actividade, ao longo de dois anos, permitiu a recolha de um importante acervo documental constituído por mais de 1500 moldes em latex, fotografias e outros documentos para continuação do estudo até um futuro esvaziamento da albufeira.

O complexo de arte rupestre do Vale do Tejo viria a ser corporizado por cerca de 40 mil gravuras abertas por picotagem sobre os bancos xisto - grauváquicos das margens daquele rio, ao longo de mais de 40 km. A sua cronologia abrange um espaço de tempo que medeia entre o Epipaleolítico e a Idade do Bronze.

Após meados de 1974, o complexo de arte rupestre do Tejo ficaria submerso, pela albufeira de Fratel, em 95% da sua área. Restam visíveis dois núcleos a jusante da mesma barragem (Gardete e Ocreza, concelhos de Vila Velha de Ródão e Mação) e outro a montante (São Simão, concelho de Nisa).

Em finais do ano de 1969 um grupo de jovens estudantes de Castelo Branco, na altura adolescentes, juntaram-se informalmente e começaram a visitar lugares, nos concelhos de Castelo Branco e de Vila Velha de Ródão, que a tradição popular referia como antigos e misteriosos. Unia-os a paixão pela aventura relacionada com o passado, ainda sem objectivos científicos.

Mas, em finais de 1971, estabeleceram contacto com elementos do GEPP. Este encontro foi o início de uma longa e profícua colaboração. E quando as grandes campanhas de levantamento da arte do Tejo terminaram em 1974, ficou no terreno um grupo de jovens muito motivados para dar continuidade ao levantamento arqueológico da região envolvente, visando cumulativamente a contextualização do complexo artístico.

Essa equipa veio a denominar-se Grupo Amador Juvenil de Arqueologia (GAJA). Em 1975 alterou o nome para Núcleo Regional de Investigação Arqueológica (NRIA), que manteve até 1988, após o que passou a Associação de Estudos do Alto Tejo (AEAT). Em 1988 a associação passou a ter personalidade jurídica mediante escritura pública.

O âmbito geográfico deste novo objectivo extravasou os limites do concelho de Vila Velha de Ródão estendendo-se a Castelo Branco, Nisa, Idanha-a-Nova e Proença-a-Nova.

Em 1980, como resultado das prospecções efectuadas na década de 70, surgiu a primeira contribuição para a carta arqueológica dos concelhos de Vila Velha de Ródão e Nisa e uma nova contribuição em 1986 (Caninas & Henriques, 1980, 1986).

Em 1986 o NRIA apresentou à Comissão Nacional para o Ano Europeu do Ambiente um projecto de investigação, de âmbito regional, designado *Paleoantropologia e Paleoecologia no Alto Tejo Português*. Teve a duração de quatro anos e permitiu intensificar os trabalhos de prospecção e escavação arqueológica na região, principalmente nos concelhos de Vila Velha de Ródão (escavações em Cabeço da Velha, Charneca de Fratel e mamoa das Canas) e de Idanha-a-Nova (prospecções na freguesia de Rosmaninhal) e acções de divulgação.

Em 1992 deu-se continuidade ao projecto mencionado anteriormente sob a designação de *Ocupação Pré-Histórica do Alto Tejo Português*, agora com o patrocínio do Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico (IPPAR) e das autarquias locais. Na vigência deste projecto a área do concelho de Ródão foi contemplada com trabalhos de cartografia arqueológica.

Na continuidade dos dois projectos anteriores desenvolveu-se um terceiro programa denominado *Pré-História Recente na Margem Direita do Alto Tejo Português (Altejo)* homologado pelo Instituto Português de Arqueologia (IPA), no âmbito do Plano Nacional de Trabalhos Arqueológicos. Foi também da responsabilidade da Associação de Estudos do Alto Tejo e visava, essencialmente, inventariar os traços de humanização inscritos no território (dos concelhos de Oleiros, Proença-a-Nova, Vila Velha de Ródão, Castelo Branco e Idanha-a-Nova) e caracterizar a evolução do povoamento do Neolítico à Idade do

Bronze na área considerada, objectivos gerais em tudo semelhantes aos das anteriores linhas de investigação.

O **Quadro 1** lista as escavações arqueológicas, em sítios da Pré-História Recente no concelho de Vila Velha de Ródão.

Quadro 1
 Escavações em sítios da Pré-História Recente
 no concelho de Vila Velha de Ródão

Ano	Tipo de Sítio	Localização (Freguesia)	Responsável
1904	Anta	Urgueira (Perais)	F. Tavares de Proença Júnior
1904 -1908	Antas	Sarnadas – Atalaia (Sarnadas)	F. Tavares de Proença Júnior
1983 e 1985	Anta	Farranhão (Perais)	J. Caninas e F. Henriques (AEAT)
1987	Habitat	Charneca do Fratel (Fratel)	J. Soares <i>et al</i> (Museu de Setúbal/AEAT)
1989	Habitat	Cabeço da Velha (Fratel)	João Luis Cardoso <i>et al</i> (AEAT)
1990	Mamoa	Charneca das Canas (Fratel)	Fernando A. Pereira da Silva
2000	Mamoa	Charneca das Vinhas (Fratel)	J. Caninas e F. Henriques (AEAT)
2005	Habitat	Charneca do Janome	J. Caninas, F. Henriques <i>et al</i> (EMERITA)

1.3. Os inventários

O concelho de Vila Velha de Ródão dispõe de cinco documentos com as características de inventário arqueológico.

O primeiro é da responsabilidade de Francisco Tavares de Proença Júnior (Proença Júnior, 1910), e integra um inventário de âmbito distrital, a *Archeologia do Districto de Castello Branco*.

O segundo inventário data de 1980 (Henriques e Caninas, 1980). Foi divulgado numa publicação periódica do NRIA e contém os resultados das prospecções efectuadas na década de 70 do século passado. Para o concelho de Ródão, este inventário tem 95 registos relativos a monumentos e sítios, de tipologia muito diversificada, datados entre o Paleolítico e a Época Moderna.

O terceiro contributo para a carta arqueológica do concelho de Vila Velha de Ródão (Henriques e Caninas, 1986) surgiu em 1986 e é uma continuação do inventário anterior. Este documento divulga 138 novos sítios e monumentos repartidos por várias épocas e tipos, tal como o anterior. Incluem-se, pela primeira vez, novos tipos como concheiras e muros de sirga.

O quarto documento, intitulado *Contribuição para a Carta Arqueológica do Concelho de Vila Velha de Ródão*, que permanece inédito, foi apresentado em 1986 na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra – Departamento de Arqueologia no âmbito de um seminário de investigação das alunas Cristina Silva e Luisa Filipe, coordenado pelo Prof. Doutor Jorge de Alarcão. Tem dois inventários, um de microtopónimos e outro de sítios arqueológicos, este último com 68 ocorrências que vão, cronologicamente, do Paleolítico à Época Romana, cuja principal fonte de informação foi o NRIA.

A quinta contribuição (Henriques & Caninas, 1993) resultou de uma solicitação do presidente da Câmara Municipal de Vila Velha de Ródão, Inspector Baptista Martins, à Associação de Estudos do Alto Tejo. Pretendia-se obter um instrumento de apoio à salvaguarda do património concelhio para inclusão no Plano Director Municipal. O documento tinha 244 registos e resultou, em grande parte, da fusão das contribuições de 1980 e 1986.

Quadro 2

Inventários arqueológicos do concelho de Vila Velha de Ródão

Ano	Autores	Identificação	Nº total sítios	Nº sítios da Pré-História Recente
1910	Francisco Tavares Proença Júnior	Archeologia do Distrito de Castello Branco	32	29
1980	Francisco Henriques e João Caninas	Contribuição para a Carta Arqueológica dos Concelhos de Vila Velha de Ródão e Nisa	95	24
1986	Francisco Henriques e João Caninas	Nova Contribuição para a Carta Arqueológica dos Concelhos de Vila Velha de Ródão e Nisa	138	31
1986	Alexandra Piedade Silva e Luísa Filipe	Contribuição para a Carta Arqueológica do Concelho de Vila Velha de Ródão (inédito)	68	
1993	Francisco Henriques e João Caninas	Carta Arqueológica de Vila Velha de Ródão / para inclusão no Plano Director Municipal (inédito).	224	53

1.4. Trabalhos de campo de 2005-2006

Os últimos trabalhos de inventariação decorreram entre Março de 2005 e final de 2006 e foram proporcionados pelo processo de revisão do Plano Director Municipal. Para o efeito, a Câmara Municipal de Vila Velha de Ródão (CMVVR) e a Associação de Estudos do Alto Tejo (AEAT) assinaram um protocolo que regula os termos da actualização do inventário concelhio de sítios (e monumentos) de interesse arqueológico.

Este projecto foi designado *Carta Arqueológica do Concelho de Vila Velha de Ródão* e a sua coordenação tem sido assegurada por um dos signatários (F. Henriques). Tem como objectivos:

- elaborar uma ficha descritiva por sítio (Seguiram-se os itens e a nomenclatura da base de dados de sítios arqueológicos do Instituto Português de Arqueologia);
- elaborar uma base de dados informatizada para arquivo dos dados relativos ao sítios inventariados;
- elaborar um inventário bibliográfico de relevância histórica e arqueológica .
- visitar os sítios com importância arqueológica;
- prospectar áreas específicas, não atingidas por anteriores campanhas;
- elaborar o registo de todos os sítios com importância histórica – lendário;

- realizar o levantamento fotográfico dos sítios inventariados;
- georeferenciar os sítios inventariados, em colaboração com os serviços técnicos da CMVVR;
- definir áreas arqueológicas sensíveis.

No âmbito deste trabalho identificaram-se 418 sítios, o que representa um acréscimo de 87,5% de novos sítios relativamente ao inventário de 1993. Este acréscimo deveu-se, principalmente, à metodologia de trabalho de campo executada. No Quadro 3 apresenta-se a sua distribuição quantitativa por períodos históricos.

Quadro 3

Carta Arqueológica de Vila Velha de Ródão
 Distribuição dos sítios e monumentos segundo a sua cronologia

Período Histórico	Nº	%
Pré-História Recente	121	29
Época Romana	99	24
Idade Moderna	76	18
Paleolítico	30	7
Época Contemporânea	26	6
Idade Média	18	4
Idade do Ferro	2	1
Indeterminado	46	11

Verifica-se que os sítios da Pré-História Recente ocupam o topo da lista.

O Quadro 4 mostra a representação, decrescente, das categorias mais significativas de sítios. Verifica-se que os sítios da Pré-História Recente (antas/mamoas, habitats e arte rupestre) ocupam posições cimeiras ou médias naquela lista, o que traduz a sua importância no contexto geral da presença humana no território de Ródão.

Quadro 4

Carta Arqueológica de Vila Velha de Ródão
 Hierarquização das principais categorias por nível de representação

Categorias	Nº
Explorações Mineiras	66
Antas / Mamoas	44
Vias	26
Habitats da Pré-história Recente	25
Habitats Romanos	22

Igrejas / Capelas	22
Arte Rupestre	21
Sepulturas escavadas rocha	14
Sítios Paleolíticos	10
Inscrições	8

2. Sítios da Pré-história Recente

Apresenta-se, seguidamente, uma caracterização sumária das três principais categorias de sítios da Pré-História Recente, os habitats, as antas / mamoa e a arte rupestre. Excluíram-se desta apresentação, pela sua menor relevância cartográfica, os achados isolados, que neste período histórico correspondem, quase sempre, a ferramentas em pedra polida e a elementos de moagem.

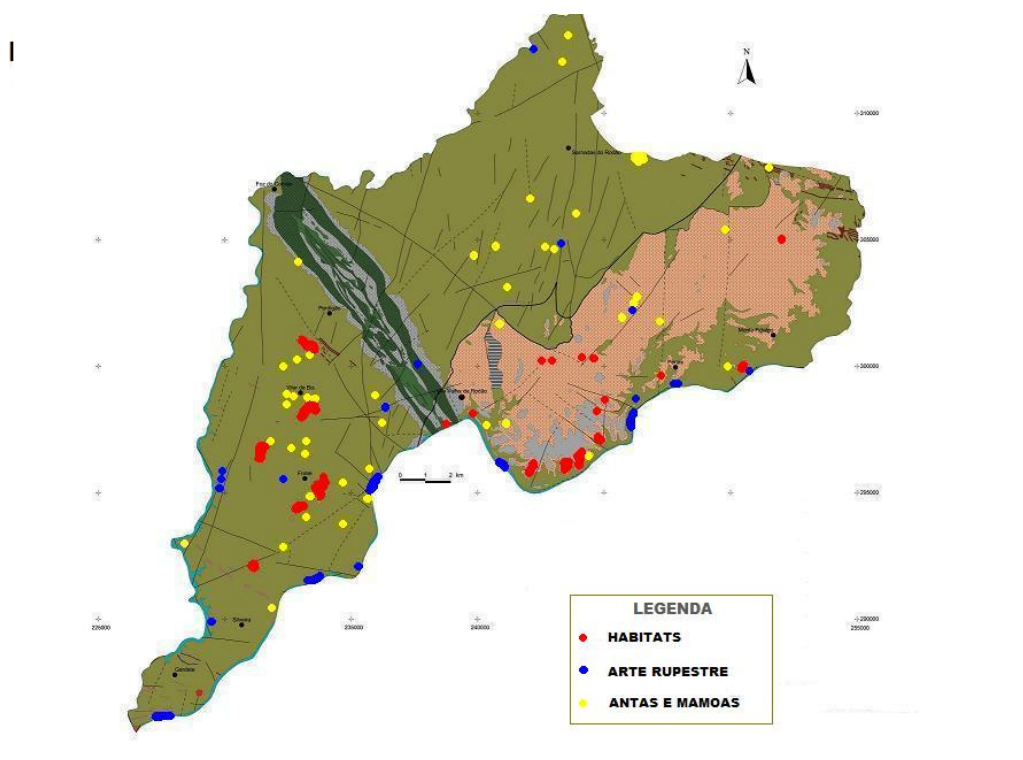


Figura 3. Distribuição global dos sítios da Pré-História Recente no concelho de Vila Velha de Ródão, sobre Carta Geológica do Concelho de Vila Velha de Ródão (seg. Carvalho *et al.*, 2006).

2.1. *Habitats*

Foram identificados até ao momento 25 sítios desta categoria (Quadro 4).

Os sítios de *habitat*, que atribuímos genericamente ao Neolítico-Calcolítico, implantam-se sobre terraços sedimentares, na área da Charneca de Vila Velha de Ródão, ou sobre relevos sedimentares residuais, na freguesia de Fratel (Carvalho *et al.*, 2006).

Os diferentes terraços sedimentares da área da Charneca de Vila Velha de Ródão representam embutimentos sucessivos da rede fluvial. O primeiro destes terraços (T1), o mais alto (cotas entre os 183 e 200 m), é constituído por conglomerado com blocos de quartzito e quartzo leitoso arredondados. É neste terraço (T1) que se observam os principais vestígios de ocupação datados da Pré-História Recente. A densidade dos vestígios diminui drasticamente nos restantes terraços (T2, T3, T4 e T5). A quase totalidade destes vestígios situa-se a curta distância do rio Tejo, a menos de 1000 m.

Na freguesia de Fratel os sítios de habitat estão implantados sobre os relevos sedimentares residuais que integram a Formação da Falagueira, ocupando as cotas superiores do interflúvio Tejo / Ocreza e sobreelevados em relação à área circundante. A partir deles desfruta-se boa visibilidade em todo o redor. A distância que os separa dos rios Tejo ou Ocreza é variável nunca excedendo os 4000 m. Neste território todas as formações sedimentares residuais apresentam vestígios de ocupação.

A área que estes sítios ocupam, da ordem de vários hectares, e o tipo de dispersão de materiais presentes à superfície indiciam um povoamento disperso.

Fora destes suportes geológicos identificaram-se outros quatro pequenos habitats, sobre arcoses. Os materiais visíveis á superfície sugerem ocupação mais antiga, eventualmente do Neolítico Inicial.

O único sítio atribuível à Idade do Bronze está localizado junto a Gardete, sobre o único relevo granitóide existente no concelho e a poucas centenas de metros do rio Tejo, embora também esteja documentada uma presença episódica na Charneca de Fratel.

O estado de conservação destes habitats é variável. Assim, os implantados em áreas agrícolas apresentam estado de conservação razoável nos casos em que o solo é ocupado com olival (Charneca de Vila Velha de Ródão) e mau quando a ocupação agrícola corresponde a vinha (Charneca de Fratel). O estado de conservação dos sítios implantados em áreas florestadas varia consoante o tipo de mobilização do solo (surriba ou vala-cômore). Nos solos surribados, tal como nos espaços ocupados com eucaliptal (Charneca das Vinhas e Charneca do Janome), os registos arqueológicos foram total e irremediavelmente destruídos. Nos solos mobilizados em vala-cômore resta o espaço entre as valas.

Nas áreas florestais de geração espontânea o estado de conservação dos sítios pode considerar-se regular.

As ameaças à conservação destes sítios resultam do recurso ao revolvimento profundo do solo com maquinaria pesada para florestação. É o que acontece, por exemplo, na Charneca de Vila Velha de Ródão onde as áreas até agora ocupadas com olival tradicional estão a ser substituídas por povoamentos de sobreiro com arranque do olival e mobilização do solo em vala-cômore.



Figura 4. Cabeço da Velha (*habitat* do Neolítico Final no topo do cabeço)



Figura 5. Charneca de Fratel (muralha Calcolítica)



Figura 6. Cabeço da Velha (empedrado de combustão em *habitat* do Neolítico Final)

2.2. Antas / mamoaas e *tumuli*

No concelho de Ródão foram identificadas 44 antas e/ou mamoaas a que devemos adicionar 13 pequenos *tumuli*, agregados num único conjunto ou necrópole.

Estes monumentos ocorrem em terraços e plataformas detriticas, em relevos xisto-grauváquicos e até numa planície aluvial. Estão ausentes sobre cristas quartzíticas embora ocorram nos depósitos de vertente daquele tipo de relevos.

Os 13 *tumuli* mencionados estão concentrados num único local e em mau estado de conservação devido à incidência de práticas agrícolas tradicionais.

Distribuem-se por todo o concelho, embora se observe uma maior concentração na freguesia de Fratel (a oeste da crista quartzítica), que é uma das áreas do concelho onde se identificou um conjunto expressivo de sítios de habitat coevos daqueles monumentos. Noutra área de concentração de habitats, a Charneca de Vila Velha de Ródão, foram identificados apenas dois monumentos deste tipo, nos rebordos da plataforma. Tal rarefacção poderá dever-se à intensa ocupação do solo, desde a época romana, para fins agrícolas e mineiros.

O estado de conservação destes monumentos está sintetizado no Quadro 5. Encontram-se em estado de conservação razoável apenas um quarto (25%) destes monumentos e 64% foram destruídos, total ou parcialmente. Deve salientar-se o efeito altamente negativo da floresta industrial desde meados dos anos 80 do século XX. Lamentavelmente, porque seria relativamente fácil garantir a sua conservação.

Quadro 5
 Estado de Conservação das Antas / mamoaas

Estado de Conservação	Nº	%
Regular	11	25%
Mau	3	7 %
Em perigo (por floresta industrial)	2	4 %
Destruido (total ou parcialmente)	28	64%
Causas várias	8	18%
Agrícolas	7	16%
Floresta industrial	13	30%

A partir do conhecimento adquirido neste território, há várias décadas, indicam-se algumas das principais ameaças à conservação deste tipo de monumentos:

- vulnerabilidade dos monumentos – pelas suas dimensões são facilmente destruídos, principalmente pela maquinaria pesada usada na mobilização do solo;
- revolvimento profundo do solo em operações de florestação – pelo tipo de meios utilizados (maquinaria pesada) no revolvimento do solo. Estes monumentos resistiram durante milénios e sobreviveram às mobilizações de solo praticadas na agricultura tradicional;

- construção de infra-estruturas de apoio à florestação – é comum a implantação de infra-estruturas de apoio à floresta sobre cumeadas (aceiros, estradões, postos de vigia, etc.), onde também se implantam as sepulturas pré-históricas;
- alargamento dos povoamentos florestais e reflorestação de áreas ardidas – acções problemáticas devido ao tipo de mobilização do solo.

A prevenção de danos, nomeadamente sobre monumentos ainda não descobertos, passaria pela prospecção sistemática das áreas a florestar e pelo acompanhamento por arqueólogo das operações de mobilização de solo, nas áreas mais sensíveis.



Figura 7. Cabeço D'Ante (anta)



Figura 8. Murtal (anta)

2.3. Arte rupestre

Foram identificados 21 sítios com manifestação de arte rupestre, gravada, onde sobressai o vasto complexo de arte rupestre do Tejo, do qual apenas se consideram os conjuntos da margem direita do rio Tejo, abrangidos pelo município de Ródão.

Exceptuando um pequeno conjunto de covinhas gravadas em quartzito, em ponto elevado da serra do Gavião (crista quartzítica) e um bloco móvel em granito, também com covinhas, a grande maioria das gravuras rupestres tem como suportes afloramentos de xisto.

Por outro lado, a larga maioria dos afloramentos insculpidos situa-se nas margens de cursos de água, de diferente caudal (rios Tejo e Ocreza, ribeira da Malaguarda e ribeiro das Ferraduras). É esta a posição topográfica do chamado arte rupestre do Tejo. Fora deste complexo rupestre, de grande diversidade temática, os motivos representados cingem-se a covinhas.

O estado de conservação dos painéis gravados, em xisto ou quartzito, é regular. Este estado decorre da implantação dos suportes, em locais de difícil acesso, mesmo para maquinaria pesada, e à ausência de solo florestável. Desconhece-se o estado de conservação dos milhares de gravuras submersas pela albufeira da barragem de Fratel e que constituem o complexo de arte rupestre do Tejo.

As ameaças à integridade destas gravações variam em função da implantação topográfica dos respectivos suportes. Assim, os sítios do complexo de arte rupestre do Vale do Tejo que se encontram emersos, e em locais visitáveis, estão sujeitos a actos de vandalismo da parte dos visitantes, cujas marcas são hoje visíveis em alguns locais. Deixou também de se sentir o papel benéfico das grandes cheias do rio (através do controle feito pelas barragem em toda a sua rede hidrográfica) na “limpeza” dos painéis de musgos e líquenes, agentes bióticos que minam, lentamente, as superfícies gravadas. Por sua vez, os painéis situados na zona de variação do nível da água, da albufeira de Fratel, estão sujeitos a efeitos extremamente negativos, de desagregação e fissuração, com perda das respectivas gravuras.

Os painéis implantados fora dos vales encaixados estão mais facilmente sujeitos à destruição da sua superfície devido à passagem da maquinaria pesada utilizada na preparação dos solos para florestação.



Figura 9. Malaguarda (rocha com covinhas)



Figura 10. Arte do Tejo (cervídeo)

3. Considerações Finais

Os trabalhos de campo executados em 2005 e 2006 vieram reforçar a percepção da excepcional importância do território de Ródão durante a Pré-História Recente, em especial com a revelação de novos sítios de habitat. Estes dados confrontam-nos com a elevada sensibilidade (em termos de conservação) dos sítios arqueológicos que estão implantados nas formações detríticas das Charnecas de Vila Velha de Ródão e de Fratel.

Estes trabalhos permitiram:

- 1) identificar novos habitats neo-calcolíticos;
- 2) confirmar a sua grande extensão e modelo de implantação;
- 3) confirmar a existência de habitats a curta distância dos principais conjuntos de arte rupestre;

- 4) reconhecer analogias com habitats identificados noutros territórios do vale do Tejo, na margem oposta (Nisa) e a montante (Monforte e Rosmaninhal);
- 5) identificar novas sepulturas megalíticas;
- 6) identificar sítios atribuíveis (ainda que de forma provisória) à Idade do Bronze (*tumuli* e habitat);
- 7) angariar dados para o aprofundamento de uma correlação espacial entre as três principais categorias de sítios Pré-História Recente, os habitats, as sepulturas (antas, mamoaas) e a arte rupestre.

Bibliografia

BAPTISTA, António Martinho (1981), A Rocha F-155 e a Origem da Arte do Vale do Tejo, Monografias Arqueológicas, I, Grupo de Estudos Arqueológicos do Porto, Porto.

BATISTA, A. Martinho (2005), Arte Rupestre do Vale do Tejo, 25 Sítios Arqueológicos da Beira Interior, edição ARA, Trancoso, p.52-53.

BATISTA, A. Martinho (s/d), Arte Rupestre do Vale do Tejo: A Arte dos Povos Neolíticos do Vale do Tejo, Centro Nacional de Arte Rupestre, desdobrável, Vila Velha de Ródão.

BATISTA, Joaquim (1983), Subsídios para o estudo do megalitismo da Beira Baixa. A anta da Urgueira, O Arqueólogo Português, série IV, volume 1, Lisboa, p. 89-102.

CANINAS, J. C. e F. Henriques (1987), Megalitismo de Vila Velha de Ródão e Nisa, Arqueologia do Vale do Tejo, Instituto Português do Património Cultural, Lisboa, p.24-26.

CANINAS, J. C. Pires e F. J. Ribeiro Henriques, (1987), Testemunhos do Neolítico e Calcolítico no Concelho de Nisa, Actas das I Jornadas de Arqueologia do Nordeste Alentejano (Castelo de Vide, 1985), p. 69-82, Coimbra.

CANINAS, J. e F. Henriques (1986), Os monumentos megalíticos do Olival dos Morouços (Vale de Pousadas, Vila Velha de Ródão), Preservação, 6, Núcleo Regional de Investigação Arqueológica, Vila Velha de Ródão, p. 7-22.

CANINAS, João Carlos e Francisco Henriques (1995), Exemplos de Destruição do Património Arqueológico no Sul da Beira Interior, Al-Madan, Série II, nº 4, Centro de Arqueologia de Almada, Almada, p.115-118.

CARDOSO, J. L., C. T. da Silva, J. C. Caninas, F. Henriques (1998), A Ocupação Neolítica do Cabeço da Velha (Vila Velha de Ródão), Trabalhos de Arqueologia da EAM, 3-4, Associação para o Estudo Arqueológico da Bacia do Mondego, Edições Colibri, p. 61-81, Lisboa.

CARVALHO, Nuno, Pedro P. Cunha, António A. Martins, Alexandre Tavares (2006), Caracterização Geológica e Geomorfológica de Vila Velha de Ródão – Contribuição para o Ordenamento e Sustentabilidade Municipal, Acafa nº 7, Associação de Estudos do Alto Tejo, Vila Velha de Ródão.

COSTA, F. A. Pereira da (1868), Monumentos Prehistóricos. Descripções de Alguns Dolmens ou Antas de Portugal, Memória de la Academia Real das Sciencias, Lisboa.

GOMES, M. Varela (1983), Arte Esquemática do Vale do Tejo, Zephyrus, nº 36, Actas del Colóquio Internacional sobre Arte Esquemático en la Península Ibérica, Salamanca, 1982), Salamanca, p.277-285.

GOMES, M. Varela (1987), Arte Rupestre no Vale do Tejo, Arqueologia no Vale do Tejo, IPPC, Lisboa, p.26-43.

GOMES, M. Varela (1989), A Rocha 49 de Fratel e os Períodos Estilizado – Estático e Estilizado Dinâmico da Arte do Vale do Tejo, Homenagem ao Professor Doutor Joaquim Rodrigues dos Santos Júnior, vol. 1, Lisboa, p. 151-177.

GOMES, M. Varela (1989), Arte Rupestre do Vale do Tejo – um Santuário Pré-Histórico, Encuentros sobre el Tajo: el Agua y los Asentamientos Humanos, Cuadernos de San Benito, nº 2, Madrid, pp.49-75.

GOMES, M. Varela (2004), A Rocha 11 de Gardete (Vila Velha de Ródão) e os Períodos Terminais da Arte Rupestre do Vale do Tejo, Revista Portuguesa de Arqueologia, vol. 7, nº 1, Instituto Português de Arqueologia, Lisboa, p. 61-128.

GOMES, M. Varela e J. Pinho Monteiro (1979), Rocha com Covinhas na Ribeira da Pracana, Arqueólogo Português, Série III, Vol. VII-IX, Lisboa.

HENRIQUES, F. e J. Caninas (1986), Nova Contribuição para a Carta Arqueológica dos Concelhos de Vila Velha de Ródão e Nisa, Preservação, 7, Núcleo Regional de Investigação Arqueológica, 79 p., Vila Velha de Ródão.

HENRIQUES, F. e J. Caninas (1986), O Megalitismo na Região Rodanense, Comunicação ao encontro A região de Vila Velha de Ródão – Geomorfologia, Pré-História e Arte Rupestre, 24 e 25 de Outubro, Vila Velha de Ródão.

HENRIQUES, F. e J. Caninas (1993), Carta Arqueológica de Vila Velha de Ródão, Associação de Estudos do Alto Tejo, Vila Velha de Ródão, inédito.

HENRIQUES, F., J. Caninas e M. Chambino (1995), Rochas com Covinhas na Região do Alto Tejo Português, Trabalhos de Antropologia e Etnologia, vol. 35, fasc. 4, Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, p. 191-202, Porto.

HENRIQUES, Francisco e Caninas, João (2004), O Megalitismo na Região de Castelo Branco na Obra de Francisco Tavares de Proença Júnior e Trabalhos Posteriores, Arqueologia: Coleções de Francisco Tavares de Proença Júnior, Instituto Português de Museus, Lisboa, p. 28-35.

HENRIQUES, Francisco J. R. e J. C. Pires Caninas (1980), Contribuição para a Carta Arqueológica dos Concelhos de Vila Velha de Ródão e Nisa, Preservação, nº 3, Núcleo Regional de Investigação Arqueológica, Vila Velha de Ródão, 67 p.

LEISNER, Vera (1998), Die Megalithgraber der Iberischen Halbinsel – Der Westen, Deutsches Archäologisches Institut, Abteilung Madrid, Berlin.

LEMONS, Francisco Sande, Jorge Pinho Monteiro, Maria Querol e Eduardo da Cunha Serrão (1974), O complexo de arte rupestre do Tejo. Processos de levantamento, Actas do III Congresso Nacional de Arqueologia, volume 1, Lisboa, p. 293-324

OOSTERBEEK, Luís (2003), Vale Ocreza – Campanha de 2001, Techne, nº8, Tomar, p.41-70.

PROENÇA JÚNIOR, Francisco Tavares de (1907), Índice nº 1: Anotações e Dados Iconograficos Respeitantes às Antas do Districto de Castelo Branco, inédito, MTPJB-CMFTPJ-E2.

PROENÇA JÚNIOR, Francisco Tavares de (1909), A Anta da Urqueira, Leiria.

PROENÇA JÚNIOR, Francisco Tavares de (1910), Archeologia do Districto de Castello Branco – Iª Contribuição para o seu Estudo, 25pp., Leiria.

RAPOSO, Luis e António Carlos Silva (1996), A Linguagem das Coisas – Ensaio e Crónicas de Arqueologia, Publicações Europa América, Lisboa.

SERRÃO, Eduardo da Cunha (1978), A Arte Rupestre do Vale do Tejo, Arqueologia, Grupo de Estudos Arqueológicos do Porto, nº 1 (Aspectos e Métodos da Pré-história), Porto, pp. 7 - 16.

SERRÃO, Eduardo da Cunha, Francisco Sande Lemos, Jorge Pinho Monteiro, Maria de los Angeles Querol, Susana Rodrigues Lopes, Victor de Oliveira Jorge (1972), O Complexo de Arte Rupestre do Vale do Tejo (Vila Velha de Ródão - Nisa) - Notícia Preliminar, Arqueologia e História, 9ª série, vol. IV, Lisboa, pp. 9-38.

SERRÃO, Eduardo da Cunha, Francisco Sande Lemos, Jorge Pinho Monteiro, Maria de los Angeles Querol, Susana de Oliveira Jorge e Vitor de Oliveira Jorge (1972), O Complexo de Arte Rupestre do Vale do Tejo (Vila Velha de Ródão - Nisa), Primeiras Hipóteses e Programa de Trabalhos, Arqueólogo Português, Vol. VI, III Série, Lisboa, p. 63–77.

SERRÃO, Eduardo da Cunha, Francisco Sande Lemos, Jorge Pinho Monteiro, Maria de los Angeles Querol (1973), Noticias de Novas Descobertas no Complexo de Arte Rupestre do Vale do Tejo, Actas das II Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses, Vol. I, Lisboa, pp.159 - 179.

SERRÃO, Eduardo da Cunha, Paulo Caratão Soromenho e Francisco Sande Lemos (1972), Arte rupestre do tagana, Olisipo, 35(135), Lisboa, p. 75-92.

SERRÃO, Vitor Manuel (1973), Ensaio de Enquadramento Arqueológico do Complexo de Arte Rupestre do Vale do Tejo (Capitulo II, de um relatório apresentado pelo Grupo para o Estudo do Paleolítico Português à Fundação Calouste Gulbenkian, inédito).

SILVA, Cristina Alexandra da Piedade e Maria Luísa Carreiro Filipe (1986), Contribuição para a Carta Arqueológica do Concelho de Vila Velha de Ródão, Departamento de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, inédito.

SILVA, Fernando Augusto Pereira da (1991), Mamoas da Charneca das Canas, edição da Câmara Municipal de Vila Velha de Ródão.

SOARES, Joaquina (1988), O povoado da Charneca de Fratel e o Neolítico Final / Calcolítico da Região Ródão / Nisa – Notícia Preliminar, Alto Tejo, 2, Núcleo Regional de Investigação Arqueológica.